



Desinformação e Fakes News nas Redes Sociais: uma análise sob a perspectiva da Escola Canadense de Comunicação

Larissa Machado Vieira¹
Douglas Farias Cordeiro²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: O crescente número de notícias falsas nas mídias digitais têm revelado a amplitude que o fenômeno conhecido como desinformação possui no âmbito da Web 2.0. Diante disso, uma série de pesquisas têm sido desenvolvidas com o propósito de compreender as motivações e os impactos relacionados. Uma possível abordagem a ser analisada se refere às relações entre redes sociais, Web 2.0, tecnologias e comunicação. Pesquisas realizadas no contexto da Escola Canadense de Comunicação afirmam que as evoluções dos meios de comunicação acabam por gerar transformações nas ações sociais dos indivíduos, o que pode possuir uma relação com as *fake news*. Com base nisto, este artigo tem como objetivo realizar um estudo reflexivo sobre as *fake news* a partir de um viés baseado nas teorias da Escola Canadense, considerando os aspectos evolutivos e inovadores da Web 2.0, principalmente no âmbito das redes sociais digitais.

Palavras-chave: Escola Canadense de Comunicação. Web 2.0. Fake news. Desinformação. Redes sociais.

1. Introdução

¹ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduação em Jornalismo (UFG). E-mail: vieira.mlarissa@gmail.com.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFG). Doutor em Ciências da Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo. E-mail: cordeiro@ufg.br.

O progresso tecnológico alcançado a partir da segunda metade do século XX proporcionou uma revolução no domínio e nas abordagens de geração e disseminação da informação, assim como na descoberta e exploração do conhecimento. Neste contexto, conforme destacado por Lévy (1993), existe uma ligação intrínseca entre a inteligência coletiva e tais avanços tecnológicos, seja na escrita, na oralidade, ou mesmo através de soluções computacionais, as quais, como discutido por Conforto *et al.* (2018), acabam por se apresentar como uma ampliação de habilidades humanas, quais sejam: calcular, inferir, organizar, e armazenar.

Este cenário, potencializado pelo advento da Internet, gerou a expansão das fronteiras da comunicação, permitindo que o indivíduo, enquanto usuário das tecnologias de informação e comunicação, ultrapassasse as barreiras de espectador ou consumidor de conteúdo, para se tornar ator ativo no ambiente conhecido pelo termo proposto por O'Reilly (2005) como Web 2.0, que descreve a Internet enquanto uma plataforma que possibilita o desenvolvimento de aplicações que explorem as capacidades tecnológicas e amplifique o poder de redes e da inteligência coletiva.

Além disso, os desenvolvimentos e inovações alcançados no âmbito dos dispositivos digitais, seja no ganho de velocidade de processamento e transmissão de dados, na arquitetura dos circuitos integrados ou mesmo na diminuição dos custos relacionados, permitiram uma democratização no acesso e aquisição dos mesmos, o que, consequentemente, popularizou o uso das tecnologias de informação e comunicação como mecanismo de mediação da comunicação.

Neste contexto, a Web 2.0, embora tenha um viés tecnológico característico, se contextualiza também como um meio de interação e dinâmica social, onde é possível observar que a mensagem ganha um movimento próprio, não apenas entre as relações conceituais de emissor e receptor, mas também através de intervenções e transformações dos participantes de uma rede (PRIMO, 2007), ultrapassando o unilateral e se apresentando como resultado de uma construção colaborativa, formando uma cultura idioscópica das redes sociais.

Remetendo à ideia de que o desenvolvimento está associado à transformação (BERMAN, 1987), e a cultura se configura como mecanismo de intervenção ou mudan-

ça de uma realidade (BARBOSA, 2001), estando inserida ou tangenciada às relações de poder (RIBEIRO, 2008), as redes sociais virtuais, preconizadas pela Web 2.0, moldam um ambiente próprio de cultura e de comunicação, onde o indivíduo pode se expressar ou agir de forma distinta ao que é observado em ambientes físicos, através de um estado de desinibição online amparado pela invisibilidade, introjeção solipsista, assincronicidade, e anonimato dissociativo (SULER, 2004). Neste cenário, o indivíduo torna-se um gerador e disseminador de informação, incluindo, neste ponto ainda, o poder que lhe é naturalmente concedido quanto à intervenção da mensagem, potencializado pelo acesso democrático aos dispositivos digitais, que, neste contexto, tornam-se um elemento cotidiano ou ainda remetem ao conceito do meio de comunicação como uma extensão humana (McLUHAN, 2005) e como um elemento determinante no processo de comunicação.

É nesse panorama que se observa a exacerbação de um fenômeno conhecido como desinformação (D'ANCONA, 2018). Esse processo é estritamente ligado à era da pós-verdade, que tem como um de seus principais produtos as *fake news*, sobre as quais a seção 4 deste artigo discorrerá. Este cenário, acaba por gerar uma inquietação acerca da fomentação da desinformação e das *fake news* em ambientes virtuais a partir das possíveis conexões entre o ambiente característico da Web 2.0, o qual emerge como um potencializador de interação entre indivíduos, e geração e disseminação de informação, associado às características típicas do relacionamento entre indivíduos e tecnologia, preconizadas pela Escola Canadense.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar, sob o paradigma midiológico tecnológico da Escola Canadense, como o advento das TICs provocou mudanças nas relações sociais no âmbito da Web 2.0, criou novas ambiências e redimensionou noções de espaço e tempo, com especial foco no preocupante fenômeno de circulação das *fake news*.

2. A centralidade dos meios de comunicação na pesquisa canadense

As pesquisas no campo da comunicação realizadas pela Escola Canadense, também conhecida como Escola de Toronto, tem como eixo de análise os meios de comunicação enquanto promotores de inúmeras mudanças nas dinâmicas sociais. A perspectiva canadense investiga que:

O desenvolvimento de cada um dos meios de comunicação exerce um tipo de influência decisiva na ação social do indivíduo e na própria estruturação social, transformando o modo de o homem entender a si mesmo. O ambiente criado pelo homem, condicionado pela tecnologia que ele domina, é a sua segunda natureza (TEMER; NERY, 2009, p. 114).

Nos anos 1950 e 1960, o principal autor que empreendeu estudos em torno da Teoria do Meio foi Marshall McLuhan, não obstante a inegável contribuição de Harold Innis, pioneiro da pesquisa sobre os meios, com teses de relevante valor epistemológico para pensar o campo comunicacional (MARTINO, 2008).

Na segunda geração dos estudos canadenses, destacam-se as pesquisas de Joshua Meyrowitz e Derrick de Kerckhove, que apresentaram nos anos 1980 e 1990 novos aspectos para examinar os meios a partir das pesquisas de seus vanguardistas (MARTINO, 2014).

Dentre as possibilidades da pesquisa canadense, as reflexões deste artigo serão norteadas pelos conceitos de McLuhan, dado seu aporte teórico contundente nos estudos dessa natureza, a despeito do indiscutível concurso dos demais pesquisadores para as investigações ligadas ao tema.

A proposta da centralidade dos meios de comunicação abordará, como característica distintiva de cada época, a forma como ela se relaciona com os meios disponíveis, independente dos conteúdos veiculados (MARTINO, 2014). Dessa forma, os meios “passam a constituir uma chave de interpretação para a organização social” (MARTINO, 2008, p. 135).

Para McLuhan (1998), meio é tudo aquilo que funciona como a extensão do próprio corpo humano, é o que vincula o indivíduo aos demais membros de sua geração, e esse prolongamento, “seja da pele, da mão, ou do pé — afeta todo o complexo psíquico e social” (MCLUHAN, 1998, p. 18).

Neste cenário, existe uma relação intrínseca entre o meio e sua articulação com a mensagem, ambos inseparáveis, uma vez que o mesmo conteúdo disseminado em meios diferentes provocará efeitos sociais e psicológicos também distintos (TEMER; NERY, 2009), procedendo daí a expressão cunhada por McLuhan: *o meio é a mensagem*. Não haverá, portanto, mensagem sem meio, pois a “mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (MCLUHAN, 1998, p. 22).

Deste modo, o tipo de impacto que cada meio de comunicação irá gerar nos estratos sociais é considerado temporal, visto que o veículo pode ser quente ou frio a depender da forma com que os receptores compreendem suas mensagens e desenvolvem comportamentos a partir das possibilidades oferecidas por esses meios. Assim,

A exposição aos meios frios, esfria (torna mais racionais e menos emocionais) os indivíduos e grupos sociais, assim como a exposição aos meios quentes esquenta (torna mais emocionais) os indivíduos e sociedades. (TEMER; NERY, 2009, p. 116)

Para McLuhan (1998), essas extensões dos corpos dos sujeitos criam uma espécie de conectividade coletiva, mas, segundo o autor, a aceleração promovida pelos dispositivos eletroeletrônicos trouxe à tona características tribais, onde há “o retorno da oralidade, da visão fragmentada e não linear” (NERY; TEMER, 2009). Este é o conceito de aldeia global cunhado por McLuhan (1998), um mundo totalmente interligado pelos meios de comunicação. As transformações que esses veículos promovem nas relações humanas são a própria mensagem que importa, evidenciando o caráter de inseparabilidade entre meio e mensagem.

A aceleração de hoje não é uma lenta explosão centrífuga do centro para as margens, mas uma implosão imediata e uma interfusão do espaço e das funções. Nossa civilização especializada e fragmentada, baseada na estrutura centro-margem, subitamente está experimentando uma reunificação instantânea de todas as suas partes mecanizadas num todo orgânico. Este é o mundo novo da aldeia global (MCLUHAN, 1998, p. 112).

Na atualidade, observa-se uma hiperconectividade dos indivíduos com seus dispositivos móveis nos diversos espaços sociais (MAINIERI, 2014), o que reforça a perspectiva de McLuhan (1998) quanto à dependência orgânica dos sujeitos com os meios

de comunicação. Esta dependência gera nos usuários da internet a necessidade de consumir informações de forma cada vez mais veloz, acarretando uma enorme insegurança informativa (RAMONET, 2013), pois é questionável a relevância de determinados conteúdos quando eles vêm de forma vertiginosa e sem critério de apuração, já que essas informações,

[...] precisam ser consumidas imediatamente, porque no momento seguinte já não terão importância nenhuma. O tempo é comprimido ao máximo, tornando um eterno agora. Há uma urgência em saber o que está acontecendo, naquele momento, a todo momento, porque no instante seguinte outra informação já estará em seu lugar (MARTINO, 2014, p. 190).

É neste panorama que se busca, no presente artigo, refletir sobre a disseminação frenética das *fake news*, principalmente nas redes sociais de internet, fenômeno que será tratado em seção posterior.

3. As potencialidades da Web 2.0

A origem da Internet remete ao final dos anos de 1960, com a criação da então chamada Arpanet, que possuía como função principal o estabelecimento de conexões entre laboratórios de pesquisas dos Estados Unidos e instituições com propósitos militares. Durante os anos de 1980, conforme relata Veà (2013), o acesso à Internet ultrapassou as fronteiras norte-americanas, e se iniciou um movimento de disponibilização para fins comerciais. Nesta altura, a então denominada Web 1.0, conforme descrito por Clinton (2005), se emergia como um meio de comunicação semelhante ao observado na imprensa tradicional, através da disponibilização de conteúdos e informações em formatos estáticos, seguindo um fluxo único de comunicação, porém com a diferença de estar associada a custos consideravelmente mais baixos, e acessível de forma mais livre ao público.

Com os avanços das tecnologias computacionais, foram desenvolvidas infraestruturas e ferramentas com um potencial de exploração e manipulação de dados e informação relativamente maiores, permitindo que a Internet se evoluísse para um estado de não apenas ser utilizada como mecanismo de transmissão de informação estática, mas como dispositivo de comunicação e interação em tempo real, alcançado um cenário

conhecido como Web 2.0 (O'Reilly, 2005). De acordo com Wilson et al. (2011), o termo Web 2.0 foi cunhado buscando a descrição de uma nova realidade da rede mundial de computadores, onde soluções computacionais desenvolvidas para Web passaram a dispor de funcionalidades semelhantes às aquelas observadas em programas tradicionalmente criados para ambientes *off-line*, e além disso, possibilitando ainda o desenvolvimento da inteligência coletiva e interação entre usuários.

É interessante observar que o advento da Web 2.0 representa um importante marco na evolução das comunicações, fomentando um ambiente de convergência midiática e circulação de informação em espaços virtuais, assim como uma amplificação no acesso e manipulação dos dados, tanto pelas próprias tecnologias existentes, como pelo avanço nos modelos de disponibilização e acesso. Neste contexto, conforme destacado por Sahagún (2004), todo indivíduo conectado à Internet acaba por se tornar um gerador potencial de conteúdo, quaisquer que sejam os propósitos vinculados. Souza (2018) destaca que, em contraste da comunicação característica de antes da década de 1980, onde elementos midiáticos eram comumente explorados de forma individual, a Web 2.0 passa a possibilitar uma integração entre os diversos meios, denominada de convergência (BRIGGS; BURKE, 2006), que se revela em uma transformação cultural amparada pelas conexões entre tecnologias, mídias e comunicação, onde se observa, por parte do indivíduo enquanto consumidor, uma incessante busca por informação, através do relacionamento entre diferentes tipos de mídias.

Neste sentido, Coutinho e Bottentuit (2006) afirmam que as tecnologias características da Web 2.0 têm permitido e potencializado o desenvolvimento de ambientes e espaços de compartilhamento, onde, conforme descrito por Primo (2007), considerando o caráter de coletividade intrínseco da Web 2.0, ainda que exista a impossibilidade de interações diretas entre dois indivíduos na rede, um conteúdo gerado ou compartilhado poderá estar acessível ao outro, uma vez que o livre fluxo de dados é algo natural dos espaços virtuais. Esse fenômeno, pode ser observado claramente no âmbito das redes sociais, que conforme pontuado por Ciribeli e Paiva (2011), se destacam pela liberdade de expressão, e pela não obrigatoriedade da identificação do indivíduo, proporcionando

uma maior entrega por parte de seus usuários com relação ao compartilhamento de opiniões, sentimentos, ou mesmos em discussões na rede.

A Web 2.0 presume, como destacado por Souza (2018), em sua própria conceitualização, um ambiente gerador de interatividade e relacionamento entre geradores e consumidores de informação, promovendo uma ruptura das barreiras tradicionalmente definidas entre estes elementos que compõem as bases da circulação da informação. Langa (2004) denomina esse fenômeno de uma nova situação comunicativa, onde se observa o direito a todo usuário de participar, colaborar, produzir e disseminar informação (TARGINO, 2009).

Além disso, a Web 2.0 se reflete ainda na estrutura produtiva da informação em espaços virtuais, através do surgimento de novas formas de comunicação, descentralizadas, personalizadas, e interativas, as quais, potencializadas pelo amplo e democrático acesso aos dispositivos tecnológicos, que podem ainda ser vistos como uma parte ou extensão do indivíduo (McLUHAN, 2005), acabam por gerar cenários onde surgem as figuras do jornalismo cidadão, da informação colaborativa, ou mesmo da desinformação.

4. Redes sociais, desinformação e *fake news*

As possibilidades de interação, promovidas pela popularização dos dispositivos móveis conectados à Internet, considerando o contexto da Web 2.0, alavancaram importantes mudanças nas formas de se comunicar. É possível observar a emergência de comunidades virtuais (LÉVY, 1996), onde indivíduos reúnem-se para discutir diversos temas, espaços em que são compartilhados um sem número de conteúdos e estabelecidas novas formas de se relacionar e se agrupar em torno de assuntos em comum (CANCLINI, 2008).

Nestes espaços, as redes sociais

[...] podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais (MARTINO, 2014, p. 55).

De caráter horizontal (MARTINO, 2014), não apresentando uma hierarquia rígida entre os sujeitos que interagem, as redes sociais de Internet apresentam duas características importantes: sua dinâmica e flexibilidade. A primeira refere-se aos fluxos comunicacionais estabelecidos nesses espaços, sua velocidade e o tamanho das mensagens compartilhadas. Já a flexibilidade tem relação com a fluidez e a efemeridade das relações ali construídas, que podem mudar de um momento para outro e acarretar alterações no próprio tamanho dessas redes (MARTINO, 2014).

Entretanto, não obstante a visão que alguns autores propagam quanto ao seu caráter de horizontalidade, Moretzsohn (2017) acredita que é necessário observar mais atentamente essa questão. A pesquisadora faz uma crítica à perspectiva de sociedade em rede trabalhada por Castells (2005), pois as redes sociais virtuais seriam apenas um reflexo das relações sociais pré-existentes e, nestas últimas, já existem tensões de poder que apenas são transferidas para o mundo virtual, mantendo-se, assim, as disparidades hierárquicas observadas nas relações humanas.

Estas redes sociais virtuais são espaços onde circula uma grande quantidade de conteúdo. É possível, atualmente, com apenas um dispositivo em mãos, gravar vídeos, armazenar fotos, ler livros, relacionar-se com indivíduos que vivem em outros países, e “comunicar-se com outras pessoas e receber as novidades em um instante” (CANCLINI, 2008, p. 34).

De acordo com Serrano (2013), raras foram as inovações que afetaram tanto uma geração como a internet. A Internet permitiu que houvesse uma democratização da informação, visto que o custo do acesso é baixo e as ferramentas são de fácil manuseio para o usuário. Qualquer sujeito que partilha dos espaços virtuais pode criar um blog, postar suas opiniões nas redes sociais e, nesse contexto, surge a figura do cidadão informante (RAMONET, 2013), que pode ser detentor de uma das seguintes características: seu amadorismo quanto à capacidade de informar, caso não seja um profissional da informação, ou, por outro lado, ele pode ser especialista em determinado tema e disseminar informações relevantes sobre a área de conhecimento que domina. Este indivíduo é o que Ramonet (2013) denomina “amador especialista”.

Essa democratização da informação, com a presença dos inúmeros cidadãos informantes, aliada à rapidez no compartilhamento de conteúdo, características essenciais da Web 2.0, entretanto, não garante, necessariamente, a qualidade deste último. Esse cenário é terreno propício para a propagação de inúmeras *fake news*, conteúdos virais, intencionalmente falsos, que objetivam enganar deliberadamente quem os consome, sendo também textos que pretendem parecer autênticos, imitando a diagramação de fontes noticiosas legítimas (BAKIR; MCSTAY, 2017, TANDOC; LIM; LING, 2017; TORRES; GERHART; NEGAHBAN, 2018).

As *fake news*, neste âmbito, são consideradas um produto da pós-verdade, conceito que se remete a circunstâncias onde os fatos objetivos tem menos influência sobre o imaginário dos indivíduos do que as emoções que esses fatos causam nos sujeitos (OXFORD, 2016). É, em suma, o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples em detrimento da complexidade das situações em si (D'ANCONA, 2018).

O termo *fake news* está estreitamente relacionado a questões políticas, em especial, tangencia as eleições estadunidenses de 2016 que elegeram Donald Trump (D'ANCONA, 2018). Entretanto, é importante deixar claro que o conceito de *fake news* não é sinônimo de mentira ou boato social. Nesse panorama, falácias políticas, comuns principalmente em época de eleições, não são novidade. O fator emergente não é a desonestidade dos políticos, mas o contexto de pós-verdade relacionado à resposta do público a esse estado de desinformação (D'ANCONA, 2018).

A desinformação é um processo que dá origem a um preocupante cenário aparentemente informativo, entretanto, se configura como maliciosamente enganador. Este termo tem sua gênese nos projetos militares de contrainformação e espionagem, mas atingiu proporções muito maiores nos dias atuais, suplantando a barreira dos combates de guerra e repercutindo nos meios de comunicação, aparelhos estatais e privados (BRISOLA; BEZERRA, 2018).

Castells (2013) apresenta um panorama interessante quanto ao comportamento do indivíduo diante de processos comunicacionais em que certos fatos contrariam suas crenças pré-estabelecidas. Segundo o autor, as emoções atuam em duas frentes distintas quando o assunto é a tomada de decisões. Em uma primeira instância, elas ativam experiências relacionadas ao tema central da decisão e, posteriormente, impulsionam o sujei-

to a decidir de acordo com o que ele sente. Por isso, frequentemente, percebe-se que os indivíduos buscam informações que ratifiquem suas crenças já instituídas para justificarem tomadas de decisão quanto a este ou aquele tema em particular.

A partir disto, é possível observar que muitos indivíduos sequer cogitam que determinada *fake news* seja um conteúdo deliberadamente enganador, visto que, se vai ao encontro de suas crenças pessoais, a chance de adotá-la como verdade é grande, com o adendo de que as *fake news*, quando imitam a diagramação de uma notícia (JORGE, 2018), aumentam no usuário a confiança quanto à possível veracidade do conteúdo. Quando processos cognitivos de tomada de decisão entram em conflito com emoções profundas, a tendência é que o indivíduo acredite cada vez mais naquilo que quer crer, independente de fatores externos que mostrem o contrário. Nesse âmbito, o nível de criticidade dos sujeitos aumentará em relação a crenças opostas às suas (CASTELLS, 2013).

Atualmente, não é possível ignorar o amplo acesso dos usuários aos dispositivos móveis e à internet, e como já pontuado anteriormente, depara-se com algumas consequências importantes quanto a esse cenário. Segundo dados relativos a 2017 divulgados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br³), sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), 92% dos domicílios brasileiros possuem celular e 73% possuem acesso à internet.

Nesse contexto, a perspectiva de McLuhan (1998) aplica-se à relação dos indivíduos com esses dispositivos, pois eles funcionam como a extensão do corpo dos usuários, que vivem num panorama de circulação vertiginosa de informações, tendo prejuízos quanto à checagem do conteúdo que recebem, podendo adotar como verdadeiros determinados conteúdos falaciosos, produtos de um cenário em que a desinformação se espalha desenfreadamente.

Apresenta-se também, nesta lógica, um problema de credibilidade em relação ao jornalismo, no momento em que o usuário não consegue discernir uma notícia, que para ser considerada como tal, deverá manter seu caráter veraz, e uma imitação falsa da notícia, as *fake news*. Assim,

³ <https://www.cetic.br/>

[...] a crise de credibilidade do jornalismo é parte do problema das *fake news*. Se o cidadão acha que, para uma coisa gozar da credibilidade do jornalismo, basta parecer jornalismo, do ponto de vista da diagramação e da retórica factual, então, ele não distingue mais o que é jornalismo (GOMES *apud* MELO, 2018).

Os meios de comunicação, diante do advento de todas as possibilidades que a internet oferece ao usuário, “estão sendo atropelados pela aceleração da informação” (RAMONET, 2013, p. 55), pois há uma cobrança para que a informação seja divulgada com mais rapidez do que já era de costume nas emissoras e redações. Nesse sentido, a situação do jornalista é sobremaneira crítica, pois,

O que é um jornalista? É um analista de uma jornada, de um período, como a própria palavra diz. Mas o período não existe mais e, em consequência, não há mais jornalismo, mas sim “imediatistas” que não são capazes de analisar, pois, para isso, é preciso tempo. Se esse tempo desapareceu, não há análise (RAMONET, 2013, p. 56).

Assim sendo, não é o objetivo deste artigo, mas é notória a importância de se promover reflexões dentro do campo de atuação dos profissionais da comunicação acerca desses desafios, para que possam contribuir, de forma efetiva, no controle dos efeitos da desinformação, visto que um bom jornalismo é indispensável para o funcionamento das engrenagens democráticas da sociedade (RAMONET, 2013).

5. Conclusão

A Internet, como pontuado anteriormente, abriu um mundo novo de possibilidades quanto ao compartilhamento de diversos conteúdos, em especial após o advento da Web 2.0, quando a rede mundial de computadores deixou de ser uma vitrine e tornou-se um lugar de trocas simbólicas, construção de sentidos e estabelecimento de novas formas de relação.

Acarretou-se, a partir disso, uma avalanche de mudanças, tendo em vista que o desenvolvimento de novos meios de comunicação está intrinsecamente ligado a inúmeras transformações institucionais que modelaram a sociedade (THOMPSON, 1998).

Nesse sentido, o uso dos dispositivos móveis mostra-se, na atualidade, como uma necessidade imprescindível para muitos indivíduos, na medida em que a dependência criada relativamente a esses dispositivos fez com que os mesmos se tornassem ex-

ensões do corpo do homem, conforme as pesquisas da Escola Canadense, que focam sua análise na centralidade dos meios de comunicação e sua influência nos diversos âmbitos sociais.

Perante o cenário apresentado ao longo do artigo, é importante reconhecer a necessidade de reflexão quanto à dinâmica dos fluxos comunicacionais nos dias que correm, tanto por parte dos usuários de internet, quanto dos profissionais de comunicação, pois enfrenta-se amplos desafios relativamente à desinformação que está em voga no momento atual.

Tendo as *fake news* como uma perigosa consequência da desinformação, é importante notar que elas são uma tentativa de recriar certas narrativas, semeando e construindo ideias no imaginário dos indivíduos que as consomem, podendo afetar processos políticos, sociais e históricos, pois há neste ponto um desmoronamento no valor da verdade e um descrédito nas instituições (D'ANCONA, 2018).

De modo a tentar conter as consequências nocivas desse estado de desinformação, algumas estratégias podem ser adotadas, como propostas escolares de letramento informacional, as quais pesquisadores estão dedicando-se à investigação (SANTOS; REIS; OLIVEIRA; GOMES, 2016).

Quanto aos profissionais de comunicação, importa ressaltar que as rotinas produtivas têm seu desgaste natural no que tange aos prazos e à sobrecarga de informações a serem investigadas, no entanto, é imperioso que se dediquem ao fortalecimento dos processos de checagem para que possam adequar-se a este momento de insegurança informativa.

A este respeito, Ramonet (2013) observa que os profissionais que produzem conteúdos de forma independente podem garantir mais qualidade em suas rotinas produtivas, e isso aumenta as chances de manter processos mais efetivos de checagem da informação. Para o pesquisador, esses conteúdos deverão ser produzidos levando-se em conta as características das novas tecnologias para que atendam às necessidades dos usuários dessas plataformas, “e não o contrário, como faz a grande mídia, que tenta adequar as novas tecnologias à imprensa tradicional” (RAMONET, 2013, p. 102).

Referências

- BARBOSA, L. **Igualdade e meritocracia**: a ética do desempenho nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2001.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- BOTTENTUIT, J.; COUTINHO, C. M-learning e Webquests: as novas tecnologias como recurso pedagógico. In: International Symposium on Computers in Education (SIIE2006), 8, 2006. **Proceedings...** Vol 2, 2006, p. 346-353.
- BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XIX ENANCIB, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>>. Acesso em: 04 jul. 2019.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- _____ ; CARDOSO, Gustavo (org). **A Sociedade em Rede**: do conhecimento à acção política. Conferência promovida pelo Presidente da República, Belém, 2005.
- CIRIBELI, J. P.; PAIVA; V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 12, 2011.
- CONFORTO, D.; CAVEDINI, P.; MIRANDA, R.; CAETANO, S. Pensamento computacional na educação básica: interface tecnológica na construção de competências do século XXI. **RBECM**, v. 1, n. 1, p. 99-112, 2018.
- D’ANCONA, M. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução de Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- JORGE, T. M. **Notícia e Fake News**: uma reflexão sobre dois aspectos do mesmo fenômeno da mutação, aplicada ao jornalismo contemporâneo. **ÂNCORA Revista Latino americana de Jornalismo**, v. 4, n. 2, 2018.
- LANGA, E. A. **El periodismo en la era del pavo de plástico**. In: LANGA, E. A. et al. (Orgs.), **El Comunicador digital: Transformaciones en las rutinas y perfiles profesionales de la comunicación en los nuevos entornos tecnológicos**. Espanha: Quaderna Editorial, 2004.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MAINIERI, T. **A cidade tecida sem fios**: a comunicação digital ressignificando as cidades. In: PAIVA, R.; TUZZO; S.A. (org). **Comunidade, mídia e cidade**: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

MARTINO, L.C. **Pensamento comunicacional canadense**: as contribuições de Innis e McLuhan. Comunicação, mídia e consumo, São Paulo: vol. 5 n. 14 p.123 - 148 nov. 2008.

MARTINO, L.M.S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

McFEDRIES, P. The Web, Take Two. **IEEE Spectrum**, v. 43, n. 6, 68, 2006.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1998.

MELO, D. Para especialistas, difusão de fake news está ligada à crise do jornalismo. **Agência Brasil**, 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/para-especialistas-difusao-de-fake-news-esta-ligada-crise-do-jornalismo>>. Acesso em 6 jul. 2019.

MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólicia à democratização da informação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. **Uma legião de imbecis**: hiperinformação, alienação e o fetichismo da tecnologia libertária. Liinc em Revista: v. 13, n. 2 p. 294-306, 2017.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. O'Reilly Publishing, 2005.

OXFORD LEXICO. **Definition of post truth**. Oxford, 2016. Disponível em <<https://www.lexico.com/en/definition/post-truth>>. Acesso em 22 jun. 2019.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, v. 9, 2007.

RIBEIRO, G. L. Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento. **Novos estud. - CE-BRAP**, São Paulo, n. 80, p. 109-125, 2008.

SAHAGÚN, F. **De Gutenberg a Internet: la sociedad internacional de la información**. Madrid, Espanha: Editorial Fragua, 2004.

SANTOS, A. P.; REIS, F.; OLIVERIA, F.R.; GOMES, S.H.A. (org). **Letramento informacional**: educação para a informação. Goiânia: UFG, 2016. Disponível em <<https://cafecomleitura.fic.ufg.br/p/25456-ebooks>>. Acesso em 01 jul. 2019.

SOUZA, J. B. R. **Jornalismo cidadão na era da Web 2.0: A experiência dos sites HablaCentro e Groundviews**. 2018. 86 p. Dissertação de Mestrado - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

TANDOC, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining “Fake News”: a typology of scholarly definitions. **Digital Journalism**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 137-153, 2017.

TARGINO, M. G. **Jornalismo Cidadão: Informa ou Deforma?** Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Unesco, 2009.

TEMER, A.C.R.P.; NERY, V.C.A. **Para entender as teorias da comunicação**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

VEÀ, A. **Cómo creamos Internet**. Barcelona: Ed. Península, 2013.

WILSON, D. W.; LIN, X.; LONGSTREET, P.; SARKER, S. Web 2.0: A Definition, Literature Review, and Directions for Future Research. In: Americas Conference on Information Systems, 2011. **Proceedings...**, 2011